

Assassinos de Marçal vão ficar em liberdade

Líder teve audiência com papa

Juiz federal arquiva processo sobre crime contra líder indígena

SIONEI RICARDO LEÃO
 ESPECIAL PARA O JB

CAMPO GRANDE – O fazendeiro Líberdo Monteiro de Lima, apontado como o mandante da morte do líder indígena Marçal de Souza, não vai mais responder pelo crime. Esta é a consequência do despacho do juiz federal José Denilson Branco, que na quinta-feira desta semana decidiu arquivar o processo.

A principal razão é a idade do réu, que vai completar 76 anos em outubro. A mesma medida é válida para Rômulo Gamarra, pistoleiro foragido desde 25 de novembro de 1983, quando ocorreu o assassinato. Ele é acusado de ser a pessoa que deu os tiros em Marçal. Rômulo Gamarra tem hoje 77 anos.

Líberdo Monteiro esteve perante o Tribunal do Júri, em Ponta Porã, por duas oportunidades quando foi absolvido. Diferentemente

do pistoleiro, nunca mais foi visto. Suspeita-se que ele tenha se mudado para o Paraguai.

Em Campo Grande, a reação mais indignada diante do arquivamento do caso partiu de Matusalém Lourenço Mendes, presidente do Centro de Defesa dos Direitos Humanos Marçal de Souza.

– Apesar de tudo isso, eles tinham que ser julgados. Não concordamos com a decisão da Justiça Federal – declarou.

No entanto, aparentemente pouco resta a fazer, ao menos do ponto de vista jurídico. Além da prescrição pela idade, existem fatores de ordem técnica que estão favoráveis tanto ao mandante quanto ao executor do crime.

Ambos foram denunciados somente em 6 de setembro de 1988, cinco anos após o assassinato. Esse detalhe

foi usado pela defesa para transferir a competência do processo da Justiça sul-matogrossense para a Federal.

Os autos estiveram, em grau de recurso extraordinário, nas mãos do ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Maurício Correia. Como relator do recurso, ele entendeu que o Artigo

117, do Código Penal beneficia os acusados cujas denúncias foram feitas há muito tempo.

Embora o crime tenha ocorrido em 1983, a acusação formal foi feita somente em setembro de 1988. Respalado nesse fator, Maurício considerou nulo tudo o que até então tinha sido feito, transferindo a matéria para a Justiça Federal.

O processo chegou às mãos do juiz José Denilson Branco, da 2ª Subseção Judiciária da Justiça Federal de Dourados, em agosto. Diante de todas essas circunstâncias e, levando em conta a idade avançada dos réus, ele se decidiu pelo arquivamento do processo.

Na sentença, o juiz argumentou que o Código Penal, no Artigo 115, reduz à metade os prazos de prescrição quando o condenado tem mais de 70 anos. A pena máxima para homicídio é de 20 anos. Portanto, nesse caso cairia para dez. Acontece que a morte de Marçal de Souza ocorreu há 19 anos. Por esse conjunto de circunstâncias, Denilson Branco decidiu encerrar de vez o processo.

Juiz alega idade avançada dos réus e tempo já transcorrido

O caminho para a fama de Marçal de Souza passou pelo 1º Seminário Indigenista Sul-Matogrossense, em meados de 1980. O evento teve lugar no Teatro Glauce Rocha, em Campo Grande e contou com a participação de estrelas como Darcy Ribeiro, Afonso Romano de Sant'anna e o cacique Juruna, mas quem brilhou foi Marçal. Na época, ele aplicava injeções numa unidade médica, em Amambai (MS). Sua eloquência e firmeza impressionaram a todos.

Muito em razão desse desempenho, Marçal esteve com o papa João Paulo II, em Manaus. Na ocasião, fez um discurso que ficou famoso: “Somos uma nação subjugada pelos potentes, uma nação que está morrendo aos poucos, sem encontrar o caminho. Nossas terras são invadidas, nossas terras são tomadas, os nossos territórios são diminuídos, não temos mais condições de sobrevivência. A nossa voz é embargada por aqueles que se dizem dirigentes deste grande país”.

Nessa etapa, Marçal já tinha a reputação, entre os guaranis e entre os índios de modo geral, de ser porta-voz de seu povo. Coube ao cineasta Joel Pizzini, por meio de um poema, dar-lhe o pseudônimo de *ban-guela dos lábios de mel*, numa referência à habilidade de Marçal com as palavras e ao fato de lhe faltarem alguns dentes.

Quando em 25 de novembro de 1983, Marçal foi baleado numa emboscada, já era uma personalidade internacional. Por isso, o crime teve grande repercussão e entidades de defesa dos direitos humanos passaram a punição dos responsáveis.